

A
S
C
E
N
S
A
O

ASCENSAO

NICHOLAS BINGE

Tradução
MARCIA MEN



MORROBRANCO
EDITORA

ASCENSÃO

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 Nicholas Binge

ISBN: 978-65-6099-043-2

Translated from original Ascension Copyright © 2023 Nicholas Binge ISBN 9780008505813. Published by Harper Voyager, an imprint of HarperCollins Publishers. Translation rights arranged by Harper Voyager, an imprint of HarperCollins Publishers. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

B613a

1.ed. Binge, Nicholas

Ascensão / Nicholas Binge ; tradução Marcia

Men. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

336 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: Ascension.

ISBN 978-65-6099-043-2

I. Ficção científica inglesa. I. Men, Marcia.

II. Título.

03-2025/53

CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção científica : Literatura inglesa 823.914

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtor Editorial: Marlon Souza

Tradução: Marcia Men

Copidesque: Louíse Branquinho

Revisão: Carlos Bacci

Diagramação: Carol Dias



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Para Oskar, por me ensinar a sempre continuar subindo

Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Ele também acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite, forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.

Albert Camus, *O mito de Sísifo*



PRÓLOGO

MEU IRMÃO DESAPARECEU HÁ 29 ANOS. NÃO ACONTECEU EM UM DIA específico, ou mesmo durante um mês específico. O processo foi uma lenta deriva — uma constatação que cresceu em mim feito um veneno, uma farpa em meu tronco cerebral.

Em 1990, ele não compareceu ao Natal com a família, sem mandar qualquer mensagem ou explicação. Simplesmente não apareceu.

Na época, não fiquei exatamente surpreso. Ele apenas era quem era: Harold Tunmore, um estimado cientista e homem da Renascença. Sempre havia alguma descoberta distante, alguma pista nova que ele precisava seguir e que prevalecia sobre outras pessoas. Nunca entendi de fato sua devoção ao desconhecido, mas aprendi a tolerá-la ao longo dos anos. Simplesmente, não dava para contar com ele. Ele vivia nas nuvens, lá no alto.

É preciso dizer que ele tinha melhorado nos últimos cinco ou seis anos, parecendo-se mais como um tio para minha filha, Harriet, naquele tempo. Até mesmo comparecia a aniversários e feriados, trazendo consigo bugigangas estranhas e exóticas de suas viagens. Surgia sem aviso, para a consternação de minha esposa, e levava Harriet em viagens malucas, explorando florestas escocesas e acampando junto a lagos. Não sei o que causou essa mudança nele, mas ela foi bem-vinda. Era bom vê-lo mais, depois de tantos anos de ausências e desculpas.

Talvez eu não devesse ter ficado chocado, então, quando Harriet se recusou a sair do quarto no dia de Natal até que ele aparecesse. Ela tinha apenas catorze anos, ainda jovem o bastante para esperar o melhor das pessoas. Não era o meu caso. Parece horrível

dizer isso, mas eu vinha me perguntando quanto tempo levaria para ele nos decepcionar.

Recebi sua primeira carta no final de fevereiro, seguida por mais duas na primavera. Eram endereçadas a Harriet, mas, depois de as ler, ela me passou as cartas para eu dar uma olhada. A princípio, pensei que deviam ser uma piada. O conteúdo era bizarro demais, implausível a ponto do absurdo. Vejo agora que isso foi uma doce ilusão.

Elas não seguiam cronologicamente de uma para a outra. Havia fios similares em cada uma, mas eles se encontravam dispersos de um jeito que eu não conseguia entender. Posteriormente, pensei que eles podiam ser algum tipo de código, um significado oculto em meio à fantasia que nós deveríamos decifrar de alguma forma. O que ele esperava que Harriet fizesse com elas, não tenho ideia. Não sinto vergonha de admitir que eu não tinha o intelecto de meu irmão. Ninguém tinha. Quando mostramos as cartas para Poppy, minha irmã, ela apenas deu de ombros e disse:

— Deixa pra lá, Ben. Isso é um labirinto cheio de becos sem saída. Faz anos que parei de tentar decifrá-lo.

Ele nunca voltou. Nunca mais entrou em contato comigo, nem com ninguém.

Eu esperei, desejando fervorosamente por algum tipo de sinal, imaginando que ele estava apenas mundo afora, escavando artefatos e fazendo novas descobertas ousadas. Com o tempo, pouco a pouco, me vi procurando ativamente por ele. Primeiro, telefonei para amigos antigos. Depois, visitei universidades onde ele tinha lecionado. O tempo todo, a preocupação crescia dentro de mim, borbulhando sob a superfície. Eu disse a mim mesmo que isso era só Harold sendo Harold. Era apenas o tipo de coisa que ele fazia.

Após dois anos de busca, eu não havia descoberto nada. Era uma tarefa puramente frustrante. Gastei semanas ao telefone com a polícia e com laboratórios onde ele tinha feito pesquisas. Passei finais de semana viajando para ver antigos conhecidos e colegas, apoiando-me em conexões de minha prática jurídica para acelerar as coisas. Incentivado por Harriet, fiz tudo o que podia para seguir os rastros de onde ele poderia ter ido.

Mas não havia rastros.

Nem pistas. Nem um único fiapo de informação. Era como se, no inverno de 1990, ele houvesse simplesmente sumido em pleno ar.

Tudo o que me restava eram aquelas três últimas cartas, agora completamente surradas e manchadas de café. Por semanas, Harriet e eu nos debruçamos sobre elas, sentados na mesa da cozinha de tarde da noite até de manhã; elas pareciam fazer menos sentido a cada leitura.

Anos passaram lentamente e minha esposa assistiu enquanto pai e filha perdiam a esperança. No outono de 1998, Poppy e eu o tínhamos declarado como oficialmente morto.



É engraçado quais lembranças ficam com você. Mesmo agora, ainda posso me ver sentado nos jardins do lado de fora da capela, perdido em pensamentos. O frio da manhã espetava minha pele e eu puxava meu casaco para mais perto do corpo. Era novembro. Eu faria um discurso no funeral de Harold dali a dois dias e ainda não havia escrito nada.

Eu nunca fui um escritor muito emotivo — redigir depoimentos e intimações é mais a minha praia —, mas queria escrever algo para homenagear Harold e as memórias que ele nos deixara. Ainda assim, toda vez que eu pegava a caneta, minha mente dava um branco diante do clarão do papel. Quanto mais eu esperava, mais as páginas me encaravam, acusatórias.

A verdade é que eu nunca conheci realmente meu irmão.

Tirando os últimos anos antes de seu desaparecimento, eu mal o via. Ele passara seus vinte anos se formando em medicina e tornando-se um consultor médico aos trinta. Como consultor, estava sempre ocupado, sempre muito procurado. Quando eu tentava entrar em contato, ele arrumava desculpas e prometia visitar depois. Mesmo quando abandonou a medicina, por motivos que nunca compartilhou comigo, ele estava sempre em outro lugar — investigando formações rochosas na América do Sul ou trabalhando em provas matemáticas na Índia.

A vida que ele levava era tão distante da minha que parecia ser outro mundo — um do qual nunca participei.

Ele havia sido um menino desajeitado, sempre quieto e contemplativo. Seus primeiros professores achavam que ele era estúpido. Seu rostinho redondo parecia estar perpetuamente franzido em concentração, como se tudo para onde olhasse o confundisse. Minha irmã e eu estávamos convencidos de que havia algo com defeito na cabeça dele. Todos nós estávamos enganados. Ele simplesmente processava o mundo de forma diferente de todos nós. Enquanto aceitávamos suposições, ele via possibilidades. Enquanto sentíamos clareza, ele via incerteza. E enquanto ficávamos confusos, ele fazia conexões estranhas e ligações improváveis.

Interrompendo minha linha de raciocínio, Poppy se sentou a meu lado naquele jardim. Ela tinha na mão uma garrafa de vinho tinto e um par de taças de plástico. Por um tempo, não falou nada. Simplesmente ficou ali, fitando o cemitério onde o cenotáfio dele tinha sido colocado.

— Não sei se consigo fazer isso — sussurrei para ela.

— Não há mais ninguém, Ben — respondeu ela, colocando a mão em meu ombro. — Ninguém o conhecia, não de verdade. Só nós. Talvez devêssemos anotar as memórias que temos dele. Aquelas das quais nos lembramos com clareza. De quando ele era jovem e estávamos crescendo.

Encolhi os ombros.

— Ele nunca conversou comigo de fato, Pops. Mesmo quando visitava Harriet, ele estava sempre perdido em seu mundinho. — Engoli em seco. — Acho que eu era entediante demais para ele.

Ela riu, passando o braço à minha volta. Apesar de tudo, apesar do momento, senti um sorriso repuxando meus lábios.

— Minha lembrança mais clara dele — disse ela — é da mesa da cozinha na França, quando estávamos de férias. Devíamos ter o quê, oito, nove anos? Ele não podia ter mais de seis.

— Em Nice?

— Isso, isso. É uma lembrança pequena, uma bobagem. Papai tinha trazido pãezinhos da padaria para o café da manhã e você e eu os atacamos com tudo, enfiando aqueles croissants goela abaixo, e Harold, ele só... só encarou o dele. E daí começou a despedaçá-lo.

— Ai, meu Deus, foi! Agora eu me lembro. Ele não comeu nadinha do croissant.

— Não, ele só o rasgou em uns vinte pedaços de tamanhos iguais, daí começou a arrumá-los em formas geométricas na mesa. Ele fez isso por uma hora e meia. Eu pensava que ele era um esquisitão.

Eu ri.

— Ele *era* um esquisitão. Mamãe e eu brincávamos que ele ia ganhar um prêmio Nobel aos trinta anos, daí, quando ele chegou aos dezoito, isso deixou de ser piada. Parecia mais uma certeza, sabe? — Tomei um gole de vinho. — O jeito como ele *olhava* para a gente.

— Ai, minha nossa, aquele olhar. — Ela colocou a mão na cabeça, dramática. — Lembra daquele olhar?

— Como eu poderia esquecer? Como se ele estivesse tentando te decifrar. Ele olhava para o mundo inteiro daquele jeito.

Ela anuiu.

— Como se houvesse algum manual de instruções escrito na pele do universo que apenas ele sabia ler, se focasse o bastante.

Ficamos sentados por um tempo e um calor gostoso me dominou — a calidez de lembranças gentis. Depois de algumas taças reconfortantes de vinho, Poppy trabalhou comigo e escrevemos uma elegia para ele juntos. Eu a li numa cerimônia pequena e sóbria. A maioria dos presentes conhecia meu irmão apenas de nome.



Nunca me esqueci de meu irmão, mas aprendi a tirá-lo da mente. Levei uns dez anos para realmente aceitar a morte dele, porém me tornei absolutamente convencido disso no fim, no mínimo para minha própria sanidade.

E então, nove meses atrás, do nada, meu amigo Mikey telefonou. A conversa não deve ter durado mais do que cinco minutos, mas ficou gravada em minha memória.

— Alô! É Ben Tunmore?

— Ele mesmo.

— Aqui é Mike Hart. Mikey, lembra? Do King's.

— Mikey? Nossa, é você mesmo? Faz séculos! Uma vida. Como vai, cara?

— Bem. É, bem. Escuta, eu adoraria botar o papo em dia alguma hora, sério, mas tem uma coisa que eu preciso te contar.

— Conte.

Eu podia ouvir o quanto a voz dele soava tensa.

— Eu acabo de voltar do St. Brigid's Hospital.

— Ah, sim. — Franzi a testa. — Onde fica isso?

Ele hesitou um pouco.

— Surrey. Quero dizer, mais para Epsom, na verdade. É um... tá, olha, é um hospital psiquiátrico. Uma instituição de saúde mental, sabe. Cuidados de longo prazo para pessoas malucas. É que... eu vou lá com frequência para visitar minha vó.

— Mikey, do que você tá falando?

— No começo, achei que eu estivesse enganado. Mas me lembro de ter visitado você nos Lagos durante as férias uma vez e, bem, ele ficou conosco por um tempo naquele verão. Não dá para esquecer um homem daqueles, mesmo depois de todos esses anos. Ele tinha aquele olhar, aquele jeito de olhar para a gente como se estivesse tentando decifrar alguma coisa. Mas daí me lembrei de Toby ter me contado que ele faleceu há alguns anos.

Minha mão apertou o telefone.

— Do que diabos você está falando?

— Seu irmão, Ben. Ele tá aqui. Tenho certeza. Reconheceria aquele olhar em qualquer lugar.



A viagem de carro de Windermere a Surrey levou cerca de seis horas, embora pudesse facilmente ter sido uma década. Ou uma era histórica. Havia tantas perguntas rodando em minha mente; eu não sabia por onde começar. Não conseguia me concentrar em nada, exceto em um único pensamento predominante: *não conte com nada até*

vê-lo. Se ele estivesse vivo, estaria com uns setenta anos, provavelmente irreconhecível. É provável que isso seja um engano. Mikey não vê Harold desde que éramos moleques.

Eu repeti isso várias vezes para mim mesmo, como um mantra.

Conforme me aproximei, a arquitetura vitoriana de St. Brigid's assomou, ficando à vista — janelas de pedra em arco e torreões elevados. Mikey havia me dito que boa parte do hospital tinha caído em desuso e agora abrigava somente duas das *villas* originais, com um total de apenas 55 pacientes em acompanhamento integral.

Saí do carro e a fachada do edifício se erguia adiante, me saudando com um vento frígido e um frio mordaz. Eu me embrulhei num casaco e no chapéu, mas isso não ajudou muito a expulsar o gelo de meus ossos.

Tive que empurrar os portões de ferro fundido para abri-los; estavam fechados, mas não trancados. Com vários metros de altura, eles se alçavam muito acima de mim. Passei por eles e o vento ficou mais forte, fechando-os com um estrondo. Um grito metálico ressoou pelo pátio gramado.

Virei para olhar para a rua atrás de mim. Tirando meu carro velho, estava tudo vazio. Abaixei a cabeça e caminhei adiante, com o estalo de minhas botas na alameda de cascalho sendo o único som.

Quando bati à porta, uma enfermeira baixinha com uma expressão de poucos amigos apareceu.

— Pois não?

— Estou aqui para visitar um paciente.

Ela franziu o cenho.

— Nunca te vi por aqui. Nunca aparece aqui ninguém que já não tenha vindo antes. Não temos nenhum paciente novo. Todos eles estão aqui há décadas.

Assenti.

— Eu sei. Mas acho que talvez eu conheça alguém aí dentro. Alguém que eu não sabia que estava aqui.

— Qual seu nome?

— Benjamin Tunmore.

— E qual o nome da pessoa?

— Harold Tunmore.

Os lábios dela se espremeram num círculo pequeno e os olhos desceram até meus pés e subiram de volta.

— Nunca ouvi falar.

Ela começou a fechar a porta, mas me adiantei, enfiando o pé na entrada. A grande porta de madeira se chocou contra ele.

— Escuta aqui... — começou a enfermeira.

— Por favor. — Coloquei a mão no batente da porta. — Por favor, eu recebi informações confiáveis de que meu irmão pode estar aqui. Eu não o vejo há quase trinta anos.

E então, como ela parecia demandar uma última amostra de ênfase, acrescentei:

— *Por favor.*

Os lábios dela se juntaram, espremidos, e os olhos foram da esquerda para a direita.

— Tudo bem. Mas não vá sair falando com qualquer paciente meu sem minha autorização. É um ecossistema delicado por aqui. Equilibrado. Todo tipo de coisa pode estragar isso. — Ela apontou um dedo para mim. — Você olha. Você não fala.

Concordei e a segui por um corredor de pedra. O frio recuou rapidamente, um calor emanando do piso. Pinturas dos fundadores da instituição em molduras douradas e ornamentadas forravam as paredes, nem um sorriso sequer entre eles. Surgiram os estalos de fogo e o tinido gentil de um piano. Retirando meu casaco, segui a enfermeira para uma grande sala de visitas com cerca de vinte pessoas espalhadas pela área.

Em sua maior parte, elas estavam em silêncio, sentadas ou de pé, olhando para o nada ou espiando pelas janelas altas a neblina que rolava sobre os campos frios. Uma senhora mais velha tocava o piano — lenta, mas delicadamente — e houve um farfalhar de jornais enquanto homens folheavam as páginas junto à lareira.

— Viu? — disse a enfermeira, numa voz que quase me fez dar um pulo. — Ecossistema delicado. Agora, você espera aqui. Eu tenho que ir falar com a chefe.

Conforme meus olhos passavam sobre vários dos residentes idosos, notei que todos eles estavam sozinhos. Fosse fitando as

árvores sopradas pelo vento ou sentados em silêncio numa das luxuosas poltronas vitorianas, nenhum deles conversava um com o outro, ou sequer pareciam reconhecer a presença uns dos outros. Uma pontada aguda de perda ecoou dentro de mim. Aquilo me parecia um lar para almas-perdidas, para fantasmas que não tinham mais para onde ir.

E então eu o vi.

Um cavalheiro idoso sentado no canto da sala numa grande poltrona vermelha, atrás de uma mesa alta de mogno. Ele encarava um tabuleiro de xadrez com todas as peças em ordem, mas sem jogar, com uma curiosa intensidade. Dei mais alguns passos, me aproximando, o coração aos pulos, e a cabeça dele se ergueu. Seus olhos pousaram sobre os meus.

Foi aí que me dei conta de que Mikey estava enganado. Não sobre o meu irmão — não, aquele definitivamente era Harold mesmo —, mas sobre seu olhar tão característico. Não era o mesmo que eu conhecia. Os olhos estavam diferentes, como se algo dentro dele tivesse sido retirado ou substituído.

Eu me aproximei, apressado, tentando manter a voz baixa e quieta. Apesar de minha empolgação, um estranho receio me percorria. Uma sensação de que havia algo de errado.

— Harry! — Os olhos dele não me largaram. — Harry, sou eu. Harry, você tá vivo!

Ele franziu os lábios como se mastigasse uma palavra que não sabia como dizer. Esperei, ansioso. Quando ele finalmente abriu a boca, disse:

— As formigas estão vivas?

Fiquei imóvel.

— Como é?

— É uma questão de definição, não? — A voz dele estava áspera e quebradiça. — Uma questão de semântica. *Não altera o fato.*

— Eu... — Eu não fazia ideia do que ele estava falando. — Não, suponho que não altere.

— O mar está vivo? — Ele me encarou, os olhos castanhos molhados.

— Não sei, Harold.